



Seminário Internacional de Coleta Seletiva

Encerramento do Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos (PSWM) / Projeto Brasil-Canadá e Construção de perspectivas de inclusão e de sustentabilidade

Relatório final*

14 e 15 de dezembro de 2011

Santo André, São Paulo, Brasil.

* Relatório produzido por Gabriela Albanás Couto, Jutta Gutberlet, Nidia Nacib Pontuschka, Angela Baeder e Solange Dias de Araujo.

Sumário

Apresentação -----	2
Participantes -----	3
Mesa de abertura -----	5
O Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos: apresentação dos resultados de seis anos de atuação -----	9
<i>Jutta Gutberlet</i>	
Reciclagem e logística reversa no Brasil -----	18
<i>Nabil Bonduki - Secretário de Ambiente Urbano do Ministério do Meio Ambiente</i>	
Inovação para respeito ao ambiente urbano, inovação para respeito ao ser humano -----	22
<i>Tarcísio de Paula Pinto – Arquiteto urbanista, assessor do Ministério do Meio Ambiente</i>	
Workshop (15/12/2011) -----	29
Pensando novas formas de trabalhar a coleta seletiva inclusiva: perspectivas de futuro e de colaboração para o trabalho em rede-----	29
<i>Pontos em comum -----</i>	
<i>Identificando as barreiras -----</i>	
<i>Principais propostas -----</i>	
Banco de referências e experiências -----	35
Anexos -----	38
<i>Convite para o seminário -----</i>	
<i>Cordel: De São Paulo ao Canadá, o catador do Brasil -----</i>	
Fotos-----	47

Apresentação

Nos dias 14 e 15 de dezembro de 2011 foi realizado o Seminário Internacional de Coleta Seletiva e Encerramento do Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos (PSWM), mais conhecido como Projeto Coleta Seletiva Brasil-Canadá. O seminário contou com a presença de convidados da Argentina, Canadá, Peru, Alemanha, de diferentes partes do Brasil e de cerca de setenta catadores das várias cooperativas de reciclagem que participaram do projeto ao longo dos seus seis anos de desenvolvimento.

Além de um balanço geral do projeto, em fase de encerramento e avaliação, a discussão trouxe muitos elementos para o debate das políticas públicas de gestão de resíduos no Brasil e rica troca de experiências entre os participantes, que representavam diferentes iniciativas de gestão participativa e inclusiva de resíduos sólidos.

A tônica da programação foi a formação de uma base teórica e prática comum para a elaboração de uma rede de colaboração entre os diferentes projetos e iniciativas, com vistas a criar perspectivas de trabalho conjunto, tendo como horizonte a coleta seletiva com inclusão de catadores, sustentabilidade e justiça socioambiental.

O evento foi realizado nas instalações do Consórcio Intermunicipal Grande ABC, na cidade de Santo André, SP, instituição que acolheu as reuniões do conselho gestor do Projeto e concedeu apoio a muitas de suas atividades.

Participantes

Ahmed Amine Chahed, da Universidade de Berlim, Alemanha;

Carlos Henrique Andrade Oliveira, Universidade Metodista;

Carlos Levinton, da Universidade de Buenos Aires, Argentina;

Cipriano Luna, da Associação dos Recicladores da Provincia Cañete, Peru;

Fábio Fonseca Figueiredo, da Universidade Federal de do Rio Grande do Norte;

Gina Rizpah Besen, do Instituto 5 Elementos, São Paulo;

Lizardo Visitación Figueroa, da Universidade Federal Agrária La Molina, de Lima, Peru;

Lucas Barbosa, do Instituto Acqua;

Luís Afonso Vaz Figueiredo, da Fundação Santo André;

Representantes da Associação Pacto Ambiental, Diadema;

Representantes da Associação Raio de Luz, São Bernardo do Campo;

Representantes da Associação Refazendo, São Bernardo do Campo;

Representantes da COOPCENT-ABC;

Representantes da CooperCata, Mauá;

Representantes da COOPERCOSE, São Paulo;

Representantes da COOPERCRAL, São Paulo;

Representantes da COOPERPAC, São Paulo;

Representantes da CooperPires, de Ribeirão Pires;

Representantes da Cooperativa Nova Esperança, São Paulo;

Representantes do Projeto Coleta Seletiva Brasil-Canadá;

Santiago Sorroche, da Universidade de Buenos Aires, Argentina;

Sarah Bryce, Associação Alma Ambiental;

Sebastián Carenzo, da Universidade de Buenos Aires, Argentina;

Sônia Felipone, do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador;

Tarcísio Valério Costa, da Universidade Federal da Paraíba;

Maricarmen Vazquez Tagliero, do Projeto Consign - Cooperativa de Catadores de Montreal,
Canadá;

Mesa de Abertura

Os trabalhos foram abertos na manhã do dia 14 pela professora Jutta Gutberlet, coordenadora do Projeto. Na sequência, Luiz Paulo Brescianni, diretor do Consórcio Intermunicipal Grande ABC, instituição que sediou o evento, saudou os presentes e felicitou o Projeto e a seus participantes pelo encerramento de mais uma etapa do trabalho. Brescianni também ratificou o apoio e interesse do Consórcio na continuidade tanto do projeto quanto da rede de catadores do ABC, e colocou o Consórcio à disposição de todos.



Por último, convidou os presentes para as comemorações do aniversário de 21 anos da instituição, que aconteceriam na semana seguinte. O Consórcio tem desempenhado um papel importante no apoio às organizações de catadores da região do ABC.

Em seguida, houve a bonita apresentação de uma dupla de violeiros da cooperativa COOPERPIRES que acompanhou o cordel “De São Paulo ao Canadá, o Catador do Brasil” (vide anexo), recitado por quatro catadoras do Projeto. O cordel, típica manifestação literária do Nordeste do Brasil, contava a história do Projeto ao longo dos anos e foi escrito pela catadora e participante Luzia Maria Honorato em colaboração com diversos catadores e catadoras. Um livrinho com a letra do cordel na íntegra foi distribuído aos presentes. Logo após, os violeiros interpretaram a música “Admirável Gado Novo”, do cantor e compositor Zé Ramalho.

Nídia Nacib Pontuschka, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e representante do Projeto, apresentou os participantes, dando as boas vindas, para, em seguida, compor a mesa de abertura: professora Dra. Jutta Gutberlet, da Universidade de Victoria, Canadá; Sr. Cipriano Luna, presidente da Cooperativa de Recicladores de Cañete, Peru; Maria Mônica da Silva, catadora e representante da COOPCENT-ABC e Lívia Stefania Rosseto, representante do Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

Jutta foi a primeira a falar e se disse bastante emocionada com o cordel, pois o texto lembrou os seis anos de caminhada do Projeto, servindo de inspiração a continuidade do trabalho. Ela afirmou que muito mais que um projeto de seis anos, esse era um trabalho de uma vida inteira, uma meta: mudar a sociedade do desperdício, provocar reflexão e mudança social. O trabalho realizado por este Projeto, para ela, pode ser considerado muito rico em várias dimensões. A primeira delas é a da valorização subjetiva e também econômica dos catadores e

catadoras. Outra vertente é a ambiental, da recuperação dos resíduos e preservação do meio ambiente. E uma terceira dimensão é a educacional, pois este trabalho educa a nossa sociedade ambientalmente, mostrando que é possível preservar os recursos, diminuir o desperdício e valorizar quem faz a reciclagem. Aprenderam, portanto, que essa é uma tarefa muito grande, que vai além das fronteiras – é uma questão sem fronteiras. Por isso, é tão importante rever o que foi feito até agora, o caminho já trilhado, e também conhecer os trabalhos de quem veio de fora, ouvir a sua trajetória para aprender com eles.

Por sua vez, o Sr. Cipriano Luna, catador peruano, contou que há quatro anos trabalham com resíduos sólidos no município de Cañete, cidade localizada a 120 km ao sul de Lima. Eles eram trabalhadores de um lixão e viviam sob péssimas condições de trabalho; lá era muito quente e eles tinham problemas sérios de saúde. Então uma ONG os ajudou com o projeto de formalização da cooperativa. No Peru há uma lei de resíduos sólidos em vigor há três anos que facilita a formação de cooperativas de catadores. Esta lei e o apoio da ONG os ajudaram na formação da cooperativa há cerca de um ano. Com um trabalho mais higiênico, controlado e limpo, diminuíram significativamente os riscos à saúde. O trabalho teve início com a conscientização dos moradores da cidade: saíram de porta em porta para falar sobre a coleta seletiva e os serviços da cooperativa. Durante uma semana inteira partiram para um determinado setor da cidade e conseguiram sistematizar todas as casas, sendo que a ONG os remunerou por esse trabalho de educação e sensibilização. Em uma segunda etapa, os catadores fizeram a coleta aonde já haviam realizado a sensibilização. Para isso, criaram um adesivo que identificava as casas participantes do programa. Pouco a pouco a população foi se conscientizando, aprendendo, e eles também passaram a assumir e a aprender com esse novo papel, de educadores. Dessa forma seu trabalho mudou radicalmente, passou de um trabalho no lixão para algo organizado e com saúde. A situação deles é mais frágil em termos de transporte do material, pois não possuem caminhão. Na cooperativa de Cañete a coleta é realizada com triciclos sendo que cada um deles consegue levar, aproximadamente, 300 quilos de material. Cada catador tem seu triciclo que, às vezes, fica bastante pesado e não conseguem pedalar; precisam empurrar os triciclos em terrenos íngremes e acidentados. Utilizam o período da manhã, das 6 às 11h30, para a coleta. Na parte da tarde, fazem a triagem dos materiais. Ao final de cada dia, eles pesam o material individualmente e cada um sabe a sua produção. Os doze catadores da cooperativa trabalham de segunda à sexta-feira. Outro problema está na comercialização, pois tem que vender para atravessadores, que pagam um preço muito menor do que se eles comercializassem diretamente com a indústria, o que, por questões de logística, não conseguem fazer. Ele espera que no futuro possam também vender em rede. Falou que sua condição é tão humilde e frágil que ainda não geram o suficiente para seu sustento, e que por isso veio ao Brasil, para aprender e conhecer o que pode fazer para conseguir superar os entraves que eles encontram. Sua cooperativa necessita de apoio técnico e financeiro. O galpão, por exemplo, tem uma cobertura de metal que é muito quente e deixa o trabalho ainda mais difícil. Precisaríamos também de uma

máquina picotadora para beneficiar o plástico e o papel branco. Por fim, agradeceu a oportunidade de participar do evento e de conhecer São Paulo.

Maria Mônica da Silva, representante da Associação Pacto Ambiental e da COOPCENT-ABC, fez uma fala bastante emocionada. Para ela, o Projeto “Brasil-Canadá” contribuiu para a transformação da vida de muitas pessoas. Ela contou que começou a participar do Projeto após a prefeitura do município de Diadema, onde trabalha e reside, assinar um convênio com os catadores. Em 2006 os catadores de Diadema conquistaram sua autonomia. A catadora lembrou a importância do Projeto para a sua formação política, mas também pessoal, pois participar dele teve muitos reflexos positivos em sua autoestima. Ao fazer parte do Projeto, Mônica conseguiu descobrir seu potencial de liderança e vencer seus medos. O Projeto abriu portas para ela dentro do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Proporcionou, também, diversas outras conquistas, como o processo de empoderamento que foi acontecendo ao longo das etapas do Projeto e que hoje pertence a cada catador e catadora que o conquistou. Mônica lembrou que os catadores lutaram muito pelo Projeto e tomaram-no nas mãos. Hoje eles possuem visão política e se envolvem na discussão e construção de políticas públicas, pois sabem que ela tem de estar voltada para o povo. Por fim, Mônica afirmou que o Projeto “Brasil-Canadá” não vai acabar, porque ele está dentro do coração de cada um que participou; está presente também nos frutos que tem gerado, como a COOPCENT-ABC. A COOPCENT, cooperativa de segundo grau formada para fortalecer a comercialização dos materiais e aumentar a renda dos catadores, teve início com o Projeto e representa a realização de um sonho para os catadores do Grande ABC, que conseguiram somar forças em prol de um projeto comum. Atualmente Mônica é representante do MNCR e tem a oportunidade de ajudar outros catadores na luta por organização e reconhecimento social e econômico.

Representando o Consórcio Intermunicipal Grande ABC, Lívia Stefania Rosseto parabenizou o grupo pelas conquistas no âmbito do Projeto. Para ela, o Projeto “Brasil-Canadá” gerou mais que um produto, gerou dignidade. Foi um trabalho lindo, muito organizado, que realmente não se encerra aqui, pois a luta pela dignidade, inclusão e visibilidade do serviço ambiental que os catadores prestam deve continuar. Em nome do Consórcio, reafirmou o apoio aos catadores e a futuros projetos que venham a ser por eles desenvolvidos.

A professora Dra. Nídia Nacib Pontuschka, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), proferiu algumas palavras de agradecimento e felicitação pelo Projeto. Ela destacou a diversidade de pessoas que trabalharam juntas nesse processo, bem como a riqueza trazida por essa diversidade, pois um encontro dessa natureza gera reflexão e conhecimento. Agradeceu a oportunidade de ter feito parte do Projeto, segundo ela um trabalho pequeno em quantidade, mas muito grande em qualidade. Lembrou que para haver continuidade e para que o Projeto seja estendido para todo o Brasil, América Latina e Canadá, será preciso ampliar as

parcerias, construir um caminho de viabilidade. No entanto – ressaltou – o caminhar se faz por meandros, não se constroem as coisas apenas caminhando em linha reta. Concluiu dizendo estar animada para dar continuidade a novos projetos.

Finalizada a mesa de abertura, a professora Dra. Jutta Gutberlet, apresentou um balanço das atividades desenvolvidas ao longo de seis anos de trabalho e algumas avaliações já realizadas, uma vez que a etapa de avaliação ainda não havia sido concluída na ocasião do evento.

O Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos: apresentação dos resultados de seis anos de atuação

Jutta Gutberlet

O Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos, em inglês, Participatory Sustainable Waste Management (PSWM), batizado pelos catadores brasileiros como Projeto Coleta Seletiva Brasil-Canadá, trouxe importantes contribuições para a construção de um modelo de atuação baseado em confiança e trabalho coletivo. Esses foram os pilares de todo o Projeto e os fatores responsáveis pelo seu reconhecido sucesso. Como este é um projeto de parceria entre universidades, isso significa a possibilidade de junção da teoria com a prática, das diversas teorias com os eixos de ação. Desta forma, o projeto original teve um formato, que foi posteriormente modificado para se encaixar na lógica trazida pelos catadores e catadoras que participaram dele.

É importante lembrar que o Projeto foi construído com base em três eixos teóricos:

1. Ecologia política – busca por justiça social e ambiental: remuneração justa para os catadores e um ambiente justo e saudável;
2. Educação Popular – baseada nas concepções do educador Paulo Freire, significa que o Projeto valoriza o saber popular e a geração conjunta de conhecimento. Acredita em uma educação que transforma.
3. Economia solidária – é entender a economia de forma diferente, questionando e combatendo a ideia de crescimento econômico. É uma economia ecológica, que une as demandas sociais ao respeito ao meio ambiente, portanto, se configura como uma nova forma de trabalhar, se organizar e fazer política.

Na intersecção destes três pilares teóricos encontra-se a coleta seletiva inclusiva. Ao pensar em inclusão, o que se pretende é dar voz aos participantes. Por isso, o sucesso do projeto se deve aos próprios catadores, pois o que ele fez foi abrir espaços de diálogo e articulação entre os catadores, deles com o poder público e com o Projeto em si. A forma de trabalhar dentro do Projeto foi a mais participativa possível.

A pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto foi a pesquisa comunitária, baseada em metodologias participativas. Isso significa que é a universidade fazendo pesquisa com os participantes, que se tornam os próprios pesquisadores, envolvendo-se no processo de pesquisa. Isso também pode ser compreendido como “pesquisa-ação”, por ser uma pesquisa que visa ação social, transformação, que gera conhecimento, mas também mudança social. Para tanto, outras

teorias complementam e enriquecem a fundamentação do trabalho, como as teorias feministas e as pós-colonialistas. Elas fornecem importantes ferramentas para entender aspectos históricos e resultantes estruturas de poder e para desmontá-las, desmistificando-as. À luz dessas teorias, foi possível entender a história de exclusão e marginalização de algumas camadas da sociedade, para gerar novos entendimentos sobre essas situações.

Ao apresentar um mapa da região metropolitana de São Paulo, Jutta mostrou os municípios em que houve grupos de catadores participantes do Projeto, sendo que a participação foi muito mais representativa nas cooperativas da região do ABC e menos na cidade de São Paulo, onde os entraves políticos e burocráticos e as barreiras ao desenvolvimento da coleta seletiva são muito maiores.

O Projeto “Brasil-Canadá” começou oficialmente no ano de 2005, como parceria universitária entre a Fundação Santo André e a Universidade de Victoria, mas teve uma fase anterior de preparação e busca por financiamento. Este foi um trabalho árduo que demandou bastante perseverança e esforço por parte dos que o constituíram. Na avaliação de Jutta, isso deve ao fato de que há muitas estruturas de poder que não querem ver catadores empoderados. Mais uma vez, a professora destacou que foram os próprios catadores e catadoras que levaram o Projeto para frente, mesmo na fase em que o Projeto não tinha financiamento. Também ressaltou que o acolhimento da FEUSP foi fundamental para o bom desempenho das atividades do Projeto, que se estabeleceu como uma parceria interinstitucional entre a Universidade de Victoria (UVIC), no Canadá, e a Universidade de São Paulo (USP). O Projeto contou com financiamento da Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional (ACDI).

Tendo como objetivo a construção coletiva do gerenciamento de resíduos sólidos, o Projeto propiciou aos catadores o desempenho de diferentes papéis: coletar o material, gerenciar seus próprios empreendimentos, adicionar valor aos seus produtos, atuar politicamente e de educar a população. Hoje muitos deles estão dando palestras em escolas, por exemplo, passando seu conhecimento para frente, tendo sempre as questões ambientais como pano de fundo. Questões do consumo e da redução, do reuso e da reciclagem também são centrais neste trabalho.

Junto com os primeiros participantes foi formado o conselho gestor e definidos os princípios norteadores (ou “suleadores”):

- Metodologias participativas;
- Equidade de gênero – em muitas cooperativas as mulheres são o maior número e fazem os mesmos trabalhos dos homens;
- Continuidade;

- Sustentabilidade ambiental;
- Estabelecimento de parcerias;
- Empoderamento / autonomia – através de grupos bem informados, bem organizados, terem voz e serem ouvidos. Temos de educar nossos políticos.
- Viabilidade econômica – a luta pela vida digna perpassa por um pagamento digno. Venda coletiva que vende diretamente para a indústria aumenta o valor do material.
- Gestão participativa.

Um ponto importante levantado por Jutta foi o reconhecimento do papel do conselho gestor do Projeto como um grande espaço de formação para seus participantes. Muito mais do que uma reunião burocrática, aquele era um momento em que os catadores e catadores podiam se colocar, votar, exercitar a participação democrática e política. Citou também os apoios, que foram fundamentais para o bom desenvolvimento do projeto, como a FUNDACENTRO e o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, por exemplo, que ajudou no projeto de saúde dos catadores, o Instituto GEA ou a Rede Mulher de Educação.

Por conseguinte, a discussão e a formatação da venda coletiva entre as cooperativas começou no ano de 2007, e se consolidou com a formação da Rede ABC Gerando Renda e a criação da COOPCENT-ABC, cooperativa de segundo grau responsável pela organização desse trabalho. A Rede ABC conseguiu adquirir dois caminhões para coletar e vender o material das cooperativas conveniadas diretamente à indústria, eliminando os intermediários, consequentemente aumentando a renda dos catadores. Ainda com relação à venda coletiva, houve ações de capacitação em organização e gestão, para que a Rede ABC funcionasse dentro dos princípios de equidade e justiça que norteiam o Projeto. Através do projeto foi criada uma iniciativa de providenciar capital de giro. Essa foi uma experiência piloto na qual oito mulheres catadoras estavam na direção do microcrédito. Essa iniciativa e experiência de formação tem contribuído na maturidade e na capacitação dos grupos, beneficiando a formação de redes. A COOPCENT-ABC agrega hoje cerca de 200 catadores e catadoras da região. Houve também uma preocupação de formar os catadores para uma coleta mais segura, minimizando os riscos de acidentes.

Melhorar a qualidade ambiental nas cidades foi outro objetivo estabelecido no âmbito do projeto. Sabe-se que é um objetivo amplo, complexo, de execução a muito longo prazo, mas a reflexão ambiental esteve presente em todo o percurso, sendo uma das principais orientações. O que se deseja, em linhas gerais, é que cheguemos a um ponto em que não haja coleta seletiva e coleta comum, mas que tudo seja reciclado ou reaproveitado de alguma forma, tendo uma única coleta.

Retomando os eixos do Projeto, Jutta destacou que a questão da formação foi prioritária e que por meio dela conseguiram realizar todas as outras. Os princípios da economia solidária, por exemplo, semeados nas formações do Projeto, renderam frutos importantíssimos, como a criação da rede de comercialização. A incidência em políticas públicas também foi uma expressiva consequência do trabalho de formação.

Diversos projetos pilotos de pesquisa foram desenvolvidos no âmbito do Projeto “Brasil-Canadá” e que ajudaram em seu aprofundamento. Alguns exemplos:

- Projeto GIRO – Gestão Integrada de Resíduos Domésticos Urbanos: projeto piloto desenvolvido no município de Diadema, região do ABC, em que foi feita a coleta de material orgânico para a compostagem, para avaliar o índice de recuperação desses resíduos. Houve a participação de jardineiros comunitários que utilizaram o material em hortas também comunitárias. A pesquisa mostrou que é viável a coleta de materiais orgânicos e que é preciso remunerar por esse serviço, pois a coleta também significa um serviço ambiental. Jutta destacou que o município de Diadema sempre foi um aliado dos catadores, pois o poder público apóia e favorece ações de coleta seletiva solidária, inclusive remunerando os catadores pelos serviços ambientais prestados.
- Pesquisa para avaliar a coleta porta a porta em Diadema, que detectou algumas das dificuldades estruturais, organizacionais e de capacitação na coleta. Essa informação é fundamental para a melhoria do serviço.
- Oficinas específicas para trabalhar questões de gênero com os catadores e as catadoras revelaram questões da divisão de trabalho, da dupla ou tripla jornada das mulheres e das necessidades específicas das mulheres e dos homens na cooperativa.
- Vídeo ‘A evolução do catador’ realizado na cidade de Ribeirão Pires como um dos resultados da oficina de vídeo participativo tem sido um instrumento para empoderar ainda mais os catadores e as catadoras. O objetivo também é que os catadores avaliassem as diferenças entre trabalhar na rua, individualmente, e trabalhar na cooperativa. Todo o material filmado foi editado e está disponível na internet e tem sido exibido para trabalhos educativos. Os filmes produzidos pelos catadores estão agora sendo utilizados na pesquisa participativa desenvolvida por uma estudante canadense, na avaliação da ferramenta para a construção do diálogo político.
- Projeto vídeo participativo realizado com estudantes do Canadá. Um dos objetivos era mostrar a realidade do Canadá, onde os catadores têm muitos problemas de saúde física e mental, por isso chegam a ser mais excluídos e isolados que no Brasil. Muitos vivem nas ruas. Foram realizados grupos focais, questionários e vídeo sobre os catadores de Victoria

- CA. Houve um seminário dentro da universidade em que os catadores puderam compartilhar suas questões com outros catadores e com outros atores da sociedade.

- Foto-Voz (Photo-Voice), trabalho de formação com catadores utilizando imagens tiradas pelos catadores, para estimular o diálogo crítico e para empoderar os participantes.
- Estudo sobre a gestão de resíduos nas ilhas próximas a Vancouver, em que a população busca soluções criativas e comunitárias para os resíduos. No centro de triagem do material reciclável há espaços que funcionam como clubes de troca, para reaproveitar e reutilizar materiais. Isso proporciona que as pessoas se encontrem, dialoguem, troquem ideias, se organizem, gerando um importante capital social.
- Vídeo “Além de Gramacho”, que mostra a vida dos catadores em lixão do Rio de Janeiro e as oportunidades que existem na coleta seletiva. O vídeo está disponível na internet e tem sido apresentado em diversos eventos e congressos.
- Pesquisa sobre a saúde dos catadores e educação ambiental realizada em parceria com FUNDACENTRO e Centro de Referência em Saúde do Trabalhador. O projeto envolveu catadores de várias cooperativas em diferentes oficinas que apontaram os principais riscos e problemas. Entre eles estão problemas de segurança com o manuseio de equipamentos, como a prensa, infestação de vetores de doenças, como baratas, ratos e pombos, acidentes de trabalho como cortes e ferimentos. São problemas que podem ser facilmente evitados com prevenção e cuidado. Em uma segunda etapa houve uma devolutiva desses resultados às cooperativas. Foram detectados muitos problemas de saúde e segurança e agora é preciso dar continuidade para tentar resolver esses problemas.

Houve também participação em eventos nacionais e internacionais, como o “I Congresso Internacional de Catadores”, em Bogotá, onde se formou a Aliança Internacional dos Catadores, em 2008. Participamos também nas duas últimas “Expocatadores”, em São Paulo, assim como no “Fórum Mundial Urbano” realizado em Vancouver, em 2006. Foram muitas as conferências e seminários internacionais nos quais apresentamos trabalhos acadêmicos.

Outra atividade importante foi a visita à cidade de Londrina, noroeste do Paraná (estado da região sul do Brasil), onde há uma experiência bem sucedida de coleta seletiva, que é a mais avançada do Brasil. Lá os catadores tem um rendimento financeiro muito maior do que nas outras cooperativas pelo Brasil e recebem o apoio devido do governo. O Projeto fretou um ônibus para levar os catadores até lá.

Muitas outras atividades foram desenvolvidas ao longo dos seis anos de projeto, entre as quais se destacam os vários cursos de formação promovidos para os catadores. A coordenação do Projeto reconheceu que houve da parte deles também um grande aprendizado, por exemplo,

como oferecer cursos aos catadores, pois eles traziam suas demandas, temas e modo de fazer, enriquecendo a formação dos próprios educadores e gestores. As necessidades dos catadores também foram mudando ao longo do tempo e o Projeto foi se adequando a elas. Jutta destacou como pontos altos os cursos de mediação de conflitos e de reciclagem de lixo eletrônico, pelo sensível impacto positivo dentro das cooperativas. Outro tema que merece menção é o relacionado às questões de gênero, que foram trabalhadas em muitas atividades do Projeto.

Por fim, a problemática dos incineradores foi uma das grandes preocupações do Projeto, principalmente a partir de 2008. No início não se pensava que um dia essa seria a sua bandeira principal, o maior desafio enfrentado pelos catadores. A incineração tira o trabalho do catador, retira da cadeia o material reciclável, que é um rico recurso para gerar renda, causa contaminação ambiental e corta postos de trabalho, além de reiterar a extração de novas matérias primas e de não incentivar a redução, o reuso e a reciclagem. O Projeto trabalhou muito esta problemática com os catadores, para que conhecessem os argumentos principais, embasados em literatura e em pesquisas, para participar da ampla discussão com os políticos e a comunidade. O Projeto acabou gerando uma mobilização local contra os incineradores e essa mobilização agregou muitos aliados. Houve a parceria com a “Aliança Global Anti Incineração” - GAIA, que agora tem uma pessoa representando o Brasil. Na Expocatadores de 2009, o Projeto lançou a campanha contra a incineração e levaram a discussão para o governo, para as cooperativas e em muitos outros espaços. E para continuar essa luta será preciso cada vez mais trabalhar em rede, buscar parcerias e alianças para construir alternativas sustentáveis e justas. Jutta destacou a presença sempre atuante dos catadores nas audiências públicas, debates e seminários sobre a incineração e, finalmente, parabenizou os catadores por todas as suas conquistas ao longo dos muitos anos.

A avaliação do projeto

Na ocasião do evento, estava em fase final uma avaliação realizada pelo Instituto Opinião, entidade especializada em pesquisa, com entrevistas aprofundadas, grupos focais e aproximadamente 150 questionários para fazer uma avaliação geral do programa e ajudar a traçar o perfil socioeconômico dos participantes, e identificar os ganhos pessoais e econômicos trazidos pelo projeto. Essa etapa ainda não estava concluída, mas os resultados parciais mostram o quanto os participantes aprenderam e cresceram com esse projeto. Neste momento, Jutta leu algumas falas dos participantes registradas durante as entrevistas de avaliação, que contam como aprenderam e receberam apoio para fortalecer as cooperativas, melhorar a renda, a conscientização política e ambiental e, sobretudo, trouxe muitos reflexos positivos na autoestima dos participantes.

“Esse curso mudou a minha vida e eu descobri que era uma liderança, e daí me despertou para outro olhar. Eu aprendi a olhar de outra maneira.”

“A nossa cooperativa estava baixando e a gente encontrou apoio, nos ajudou muito. Estamos aprendendo a como lidar com uma cooperativa.”

“O apoio, tanto financeiro quanto em sabedoria, ensinar o que a gente tem que fazer e falar, isso que é apoio. Aprendemos a trabalhar o jeito de lidar com o pessoal. Coleta porta a porta, a gente aprendeu como pegar a coleta, como receber, como cobrar das autoridades, o que é muito difícil também, mas é de direito de cada movimento, o básico, o que a gente precisa pra ir em frente. A gente sabe que tem dinheiro, mas é difícil chegar até nós.”

“Eu chegava nas reuniões e não falava, só ouvia. Hoje já sei concordar e discordar, sei o que está acontecendo quando chego em uma reunião. Aprendi para levar para a minha casa.”

“Aprendemos sobre saúde. Fizeram um trabalho maravilhoso com a COOPERCOSE e outras cooperativas, foi muito bom.”

“Nós temos uma rede de comercialização hoje aqui no ABC, que é uma das grandes redes, e que nasceu em uma reunião. Foi dentro do projeto que a gente despertou para isso. Hoje a gente aprendeu a negociar.”

Uma das etapas de avaliação pedia que fossem atribuídas notas entre 0 e 10 para diferentes partes do Projeto e a média geral dada pelos grupos foi de 9,5. Embora as avaliações em geral sejam bastante positivas, há muito para ser feito. Entre as metas já definidas para um novo projeto está a de trazer novos companheiros para dentro das cooperativas, agregar mais pessoas e fortalecer essa organização. E ainda é necessário realizar melhorias nos espaços das cooperativas que já participam. Alguns grupos recebem pouco e a diferença de ganho entre o grupo que ganha mais (cerca de R\$ 1.500,00) e o que ganha menos (cerca de R\$ 300,00) é gritante.

No fim de sua fala, Jutta justificou a ausência de alguns convidados: Ana Maria Peredo, do Canadá, não conseguiu visto para entrar no Brasil. Professor Stefan Salhofer, de Viena, também não pode estar, mas em um futuro trabalho em rede estará presente. A Universidade de Berlim tem outros companheiros que gostariam, mas não puderam comparecer. Professoras Sônia Penin, diretora formal do projeto, que assinou pela FEUSP, e Sônia Kruppa, que trabalha com economia solidária na USP e é Secretária de Educação da Prefeitura de Suzano – SP, também justificaram a ausência.

Debate:

Nídia Nacib Pontuschka fez o fechamento da parte da manhã, mediando o debate sobre a apresentação do Projeto e perguntas dirigidas a outros participantes da mesa.

Lucas Barbosa, do Instituto Acqua, falou da incineração, que também vem sendo discutida pelo seu Instituto. Falou da questão da grande quantidade de resíduos orgânicos

gerados em feiras livres e que é necessário pensar em alternativas, como a compostagem. Sobre a saúde, disse que um grande risco são as lâmpadas fluorescentes, que ainda não têm uma solução ecológica e são prejudiciais à saúde. Falou que a tecnologia deve estar a serviço das questões sociais, para solucionar os problemas. Parcerias: os catadores hoje têm credibilidade, eles têm que se dispor a conversar com a comunidade local e com outros segmentos da sociedade.

Sebastián Carengo, da Universidade de Buenos Aires, disse que os desafios são os mesmos nos dois países, Brasil e Argentina. Há muita proximidade entre o trabalho do PSWM e o que eles tem feito com os “cartoneros”, como são conhecidos os catadores em Buenos Aires. A grande luta é pelo reconhecimento do serviço prestado pelos catadores. Falou também da riqueza que há na troca de conhecimento entre universitários e catadores.



Armando Octaviano Júnior, atual presidente da CooperCata, de Mauá, cooperativa gerada com o apoio do MNCR e do “Brasil-Canadá”, destacou o empoderamento obtido pelos catadores e que, por isso, os gestores públicos não gostam deles, pois eles discutem, sabem argumentar. O projeto não teve apenas reflexo na renda, mas serviu para mudar a vida de muitas pessoas por meio do empoderamento proporcionado aos catadores. Leu uma frase de Charles Chaplin: “Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia. Pois o triunfo pertence a quem se atreve. A vida é muito curta para ser insignificante”.

Tarcísio Valério Costa, da UFPB, parabenizou o projeto. Disse que a comercialização é um grande gargalo na coleta seletiva em todo o Brasil, porque o lucro fica na mão dos atravessadores. Perguntou como o projeto conseguiu trabalhar com essa questão. Diz que se preocupa com a melhoria da saúde e da ergonomia do trabalho do catador. Perguntou se o Projeto recebeu apoio do SEBRAE.

Fábio Cardozo, do PSWM, perguntou ao Sr. Cipriano se a associação deles recebe algum tipo de apoio do poder público local e de quanto é a retirada dos catadores do seu grupo.

Carlos Levinton, da Universidade de Buenos Aires, trabalha em um centro que desenvolve tecnologias a partir da reciclagem dos resíduos urbanos. Propôs uma colaboração aos companheiros de Cañete para a melhoria do conforto térmico do galpão. Falou que é possível fazer uma cobertura com telhas de tetrapak, que é um material que funciona melhor como isolante térmico. Se funcionar na cooperativa, poderiam estender a experiência para suas casas.

Jutta respondeu as questões. Com relação ao uso de tecnologia, não é qualquer tecnologia que é boa. É preciso pensar em tecnologias apropriadas, ter senso crítico com relação aos impactos que a tecnologia possa gerar, do contrário, a tecnologia pode até mesmo ser utilizada para racionalizar o trabalho do catador, para eliminá-lo do processo de trabalho.

Mônica respondeu a questão do Tarcísio, sobre o trabalho em rede. Contou que o Projeto não teve apoio do SEBRAE e explicou de onde surgiu a ideia de trabalhar em rede: os presidentes das cooperativas da Granja Julieta e da Cooperação, localizadas na cidade de São Paulo, foram a uma reunião do “Brasil-Canadá” para falar que conseguiam vender o material diretamente para a indústria, ganhando muito mais. Neilton e Márcia (presidentes da Cooperação e da Granja Julieta, respectivamente) sugeriram que o material poderia ser levado para as suas bases. Essa ideia inicialmente não deu muito certo, pois logo veio a exploração por parte dos compradores, que em cada cooperativa cobravam um valor diferente pelo material. Criou-se, então, a COOPCENT-ABC, com o objetivo de fortalecer os grupos pequenos. Tiveram sucesso. Comercializam o papel branco, o papelão e o tetrapak. A COOPCENT-ABC montou a fábrica de varal PET e estão montando uma fábrica de vassouras PET também.

Sr. Cipriano respondeu ao Fábio que eles não recebem apoio oficial da municipalidade. O que acontece é que agora, depois de terem feito o trabalho de sensibilização dos munícipes, eles não são mais incomodados pela prefeitura, que, no entanto, não lhes dá nenhum tipo de apoio. Com relação ao ganho, são aproximadamente 150 soles peruanos por semana (cerca de R\$ 120), o que é muito pouco, porque a maioria deles sustenta a família com esse dinheiro.

Reciclagem e logística reversa no Brasil

Nabil Bonduki - Secretário de Ambiente Urbano do Ministério do Meio Ambiente.

O palestrante iniciou sua fala reafirmando a grande importância e pertinência de discutir soluções acerca da problemática dos resíduos sólidos (RS) por causa da implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Nabil fez um histórico da inclusão de catadores nas políticas do governo federal desde o primeiro mandato do Presidente Lula, que em 2003, criou o CIISC – Comitê Interministerial de Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis. Outras ações governamentais de apoio à coleta seletiva com inclusão de catadores foram: 1) Decreto 5940, de 2006, que determina a coleta seletiva solidária nos Órgãos Federais; 2) Lei 11.445, de 2007, que estabelece as diretrizes para o Saneamento Básico no país; 3) Lei 12.305, de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), sancionada após 20 anos de discussão no governo e na sociedade civil. Na data deste seminário estava fazendo um ano da regulamentação desta última lei. O objetivo de sua palestra, portanto, era mostrar o que vem sendo feito na implementação da PNRS. Os princípios mais relevantes desta são:

1. A ideia de hierarquia: antes de um produto se tornar rejeito deve ser tentadas todas as alternativas para impedir. A primeira questão é não gerar, a segunda é reduzir, a terceira é reciclar, dar o tratamento adequado aos rejeitos.
2. Responsabilidade compartilhada: quem gera o resíduo é responsável pela sua coleta; tem que pagar pelo encaminhamento dessa embalagem ao processo de reciclagem. Para isso, é necessário discutir uma logística reversa.
3. Planejamento da gestão de resíduos. O Brasil produz 180 mil toneladas/dia de RSU, tirando resíduos industriais, da construção civil etc.
4. Produção e consumo sustentáveis.
5. A coleta seletiva deve preferencialmente utilizar o trabalho dos catadores.

No horizonte da Lei, estão duas ações principais: até agosto de 2012 deverão ser feitos os Planos Estaduais, Intermunicipais ou Municipais de gestão de RS e até agosto de 2014 todos os lixões devem ser encerrados e deverá ser implantada a coleta seletiva.

O secretário citou também as principais ações já realizadas pelo governo Dilma. Em termos de política pública, está acontecendo a elaboração do Plano Nacional de Resíduos Sólidos, com consultas e audiências públicas presenciais em todo o Brasil e via internet. Sobre os planos municipais, ele disse que o governo federal disponibilizou 70 milhões de reais para os municípios fazerem seus planos de coleta seletiva, mas que muitos municípios não quiseram

pegar o recurso, se recusaram; são poucos os municípios que estão utilizando este recurso e fazendo os planos. Há também a Campanha Nacional de Comunicação “Separe o lixo, acerte na lata”. São previstos quatro anos de campanha. Em termos de infraestrutura para as cooperativas, há a previsão de investimentos dentro da segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC-2) para implantação da coleta seletiva. Os catadores deverão ser beneficiados também com o Programa Pró-Catador, que acontece juntamente ao Brasil Sem Miséria, um dos programas prioritário do governo federal. Citou ainda o apoio do governo aos Estados, Consórcios e Municípios para a elaboração do plano de resíduos sólidos e a implementação da logística reversa. A meta é finalizar o plano nacional de resíduos até o final de 2014, ou que ele seja, até o final de 2012, publicado como decreto. Essas ações devem coincidir com os grandes eventos mundiais que o Brasil sediará nos próximos anos: a conferência sobre meio ambiente Rio+20 em 2012 e Copa do Mundo de 2014 (há um comitê específico de meio ambiente dentro da organização da Copa; deverá ser chamada de “Copa Sustentável”).

O secretário falou do desafio de convencer os outros órgãos do governo de que essa é uma agenda importante, fundamental. A questão do resíduo dialoga com 100% dos cidadãos, pois todo cidadão gera resíduo e, pela lei, todos são responsáveis pelos resíduos que geram, e isso deve proporcionar um debate muito amplo. Uma estratégia adotada é dar prioridade a dois programas em âmbito nacional: Programa de Implantação de Aterros Sanitários, voltado para consórcios intermunicipais, e Programa de Apoio à Reciclagem, voltado para os grandes centros urbanos, onde há maior geração de resíduos.

Outro pilar da Política Nacional de Resíduos, é a responsabilidade compartilhada, ligado às questões de logística reversa (LR). Hoje está cada vez mais claro que é responsabilidade da cadeia produtiva a gestão do resíduo gerado. Toda a cadeia produtiva deve ser compartilhada entre os fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes, consumidores e titulares de serviços públicos de limpeza urbana. Todos os resíduos gerados deverão seguir a política da logística reversa, mas a Lei definiu alguns produtos como prioritários e obrigatórios, de acordo com uma resolução do CONAMA: agrotóxicos, seus resíduos e embalagens; lâmpadas fluorescentes, de vapor de sódio e mercúrio e de luz mista; pneus; óleos lubrificantes, seus resíduos e embalagens; pilhas e baterias e produtos eletroeletrônicos e seus componentes.

Foram criados cinco grupos de trabalho para discutir como será a logística reversa de cada grupo de material: embalagens de óleo, lâmpadas, eletroeletrônicos, descarte de medicamentos e embalagens em geral. Deste modo, serão feitos acordos setoriais e termos de compromisso para cada material. Nos sistemas de LR, nos termos da Lei, deve haver a participação dos catadores na coleta seletiva. O catador deve receber por esse serviço. Lembrou que já está em vigor há muitos anos o sistema de recolhimento das embalagens vazias de

agrotóxicos, sendo que o Brasil é referência internacional em logística reversa destas embalagens. 83% das embalagens são retiradas.

Nabil fez uma ressalva sobre o setor produtivo, que, segundo ele, não tem só má vontade, mas tem também muitas dificuldades reais em se adequar à Lei. É difícil estabelecer metas com o setor produtivo, pois tudo é muito novo e muito complexo.

No Brasil, são gerados 190 milhões de quilos de resíduos/dia, uma média de um quilo por habitante. Apenas 1,4% desse vão para centrais de triagem. O município com o maior índice de reciclagem do país é Londrina, no Paraná, que faz coleta seletiva de 20% de todo o seu resíduo.

Uma das preocupações do governo federal é com os catadores que ficarão sem renda com o fechamento dos lixões. Tem que haver uma política para absorver esses catadores em cooperativas. Estima-se que o Brasil tenha entre 600 e 800 mil catadores, sendo que apenas 40 a 60 mil participam de alguma organização coletiva. Um dos grandes desafios que se coloca é a organização dos catadores, além da melhoria das condições de trabalho daqueles já organizados, visto que 60% das organizações de catadores estão entre os níveis mais baixos de eficiência.

Para o especialista, das três metas sobre resíduos sólidos urbanos para 2015, apenas uma delas, a mais pessimista, é, também, realista: redução a 22% dos resíduos recicláveis secos dispostos em aterros.

Para concluir, Nabil citou o Programa Recicla Brasil e Programa Brasil Sem Lixão. O primeiro, voltado à reciclagem, tem como objetivos reduzir o volume de resíduos sólidos dispostos em aterros sanitários, estimular a inclusão produtiva de catadores de materiais recicláveis, mudar comportamentos visando a produção e o consumo sustentáveis e criar uma cultura de gestão compartilhada dos resíduos sólidos urbanos. O programa prevê a criação de centrais de compostagem de resíduos orgânicos, pontos de entrega voluntária de materiais recicláveis, galpões de triagem equipados, inclusive com veículos próprios para a coleta e soluções para os resíduos da construção civil. Estima-se que 4% dos municípios brasileiros serão atendidos pelo programa Recicla Brasil, visto que serão privilegiados aqueles municípios em que haja possibilidade de resultados melhores em curto prazo, ou seja, municípios de maior contingente populacional. Complementam o programa as ações voltadas à educação ambiental e cidadania para difundir e mudar a cultura do consumo e desperdício e o apoio à incubação e capacitação de cooperativas de catadores.

Debate, conduzido pela professora Nídia Nacib Pontuschka.

Tarcísio, da UFPB: O Ministério do Meio Ambiente tem que distribuir melhor os recursos federais. Citou o edital da FUNASA sobre coleta seletiva para municípios de até 50 mil habitantes. Os pequenos municípios também têm problemas para resolver. A PNRS não discrimina nenhum

município, todos têm que exterminar os lixões. Um plano para o Brasil não pode girar em torno dos eventos como Copa do Mundo, Olimpíadas etc., porque política é nacional, e, às vezes, acaba privilegiando alguns municípios e todos os recursos ficam apenas para alguns.

Maricarmen, de Montreal: Falta participação da iniciativa privada nas discussões. A política parece ainda estar no começo. Como o Ministério pretende forçar a iniciativa privada a participar e fazer o seu papel de recolher? No Canadá a iniciativa privada é responsável pela coleta dos vasilhames (embalagens de bebida). Há um preço fixo para essas embalagens e qualquer pessoa pode recolher, revender, e obter reembolso disso. Os vasilhames estão entre as embalagens mais consumidas. Eles deveriam ter uma política especial, dar um preço justo às pessoas que pegam, valorizar mais este material.

Respostas:

À questão de Tarcísio: Não existe essa questão de privilegiar municípios, todos devem ser atendidos, mas há uma ordem para esse atendimento. O ideal é que os municípios grandes polarizem os municípios menores. É necessário um projeto para elaboração de aterros sanitários feitos em esquema de consórcios. Serão abertos editais para isso, com dois componentes, de aterro sanitário (para os municípios que ainda tem lixão) e para coleta seletiva. Estão montando outro programa que funcionará por fases, para se elevar do nível 1 para o nível 2, em que haja catadores organizados, para dar um salto qualitativo na coleta seletiva. A ideia é começar por municípios maiores em que haja maior mercado para a coleta seletiva, no sentido de fortalecê-la. Não adianta fazer a coleta seletiva e não ter vazão para os produtos. Ao mesmo tempo em que se faz coleta seletiva, deve haver uma ação do governo para estimular a criação de recicladoras, aumentar a indústria da reciclagem. Criar outros fluxos para os resíduos sólidos secos. Muitos municípios não querem implementar a coleta seletiva porque acham que ela vai ser muito cara, que não compensa.

Resposta à questão de Maricarmen: Como forçar a iniciativa privada? Colocar o Ministério Público na história e a própria sociedade obrigar as empresas a ter consciência ambiental. Isso vai encarecer os produtos? Provavelmente sim. A relação entre o custo e o produto deve ser repensada. É preciso pensar em embalagens menos custosas ao meio ambiente.

Essas perguntas nós estamos também nos fazendo enquanto governo. É uma realidade para todos e ninguém sabe quanto custa a coleta e como isso vai ser distribuído. Seria ótimo ter catadores para fazer 100% da coleta seletiva, mas o número de catadores organizados é mínimo. Tem que ser pensado um sistema misto, em que haja remuneração dos catadores; esse é um grande salto que vai ser dado. A remuneração viria de um fundo vindo tanto da iniciativa privada como das prefeituras. O MNCR tem que pensar na inclusão de mais e mais catadores aos sistemas oficiais de coleta seletiva.

Inovação para respeito ao ambiente urbano, inovação para respeito ao ser humano

Tarcísio de Paula Pinto – Arquiteto urbanista, Consultor do Ministério do Meio Ambiente

O urbanista Tarcísio de Paula Pinto abriu sua fala afirmando que gostaria de contribuir com o debate trazendo interpretações sobre o cenário da Política Nacional de Resíduos Sólidos e algumas de suas preocupações sobre o assunto, visto que vem assessorando o Ministério do Meio Ambiente e tem apoiado diversos municípios na implantação de sistemas de coleta seletiva.

Conforme a apresentação anterior, do secretário nacional de recursos hídricos, e restante do cenário, podemos entender que estamos passando por um momento virtuoso no Brasil para se discutir políticas públicas, que podem ser respeitadas ou não. Está sendo implantada a Lei de Saneamento Básico, que aborda o tratamento de água, esgoto, manejo de águas pluviais e de resíduos, a uma Lei de Resíduos Sólidos; a Lei de Consórcio Público, que propicia o tratamento de conjunto de pequenos municípios com a mesma ênfase com que se trabalha em uma grande capital, e uma lei sobre mudanças climáticas, que fala também do papel do resíduo que lança gás na atmosfera, interferindo no clima. A implantação dessas leis representa um enorme avanço, que possibilita um conjunto de articulações, basta sabermos conduzir de maneira adequada e permitirá uma situação vantajosa poucas vezes vista no Brasil. Em termos de lei de saneamento, talvez nenhum outro país da América Latina esteja passando por um momento como esse. O urbanista justificou sua fala destacando dois elementos importantes para esse bom momento: a existência de um movimento municipalista - ambientalista, que reúne pessoas com compromisso com a gestão pública, conscientes e com boas práticas, e o movimento dos catadores de materiais recicláveis, cujo papel é fundamental para a conquista da concretização dessas leis. Porém, se por um lado vivemos um momento virtuoso, com dois movimentos importantes que podem fazer toda a diferença, temos também enorme dificuldade de mexer com as realidades do jeito que estão aí. Isso pode ser observado recentemente em um município da Baixada Fluminense, nas proximidades do aterro de Gramacho, o maior do Brasil. Na ocasião, um secretário adjunto daquela prefeitura fez uma declaração questionável: dizia que não tinha interesse nenhum em criar pontos de coleta seletiva na periferia, porque isso daria muito trabalho, havia trânsito muito complicado para chegar até lá, portanto, não seria vantajoso para ele. Parece uma situação extrema, mas ilustra bem o tipo de quadro que se encontra pelo país.

Dentro de uma tipificação dos resíduos encontrados nas cidades brasileiras, é possível reconhecer o seguinte perfil:

- 60% - resíduo de construção e demolição (RCD)

- 26% - resíduo sólido úmido (apontado como o grande desafio tecnológico a ser resolvido) (RSU)
- 14% - resíduo sólido urbano seco (RSS)

São estes os três tipos principais de resíduos gerados nas cidades brasileiras. Com relação ao RCD, não há mais problema tecnológico, pois já acontecem diversas iniciativas em todas as regiões brasileiras, há equipamentos novos, processo de responsabilização e ampliação da cadeia com novos tipos de manejo. São encontradas boas soluções para esses resíduos.

Para os RSU a solução está à vista – é a coleta seletiva e a subsequente reciclagem desses materiais. O que está prestes a acontecer é uma mudança drástica de escala (na solução), com a incorporação de novos agentes. A lei já prevê a obrigatoriedade da coleta seletiva e, com sua implementação, haverá um salto quantitativo muito expressivo, o que demandará também um salto qualitativo: na gestão, para pensar em novas formas de gerenciar esses resíduos, na coleta, nas tecnologias, para aprimoramento dos processos de reciclagem e do processo de trabalho com esses resíduos, ou seja, novas formas de organizar o trabalho. Esses saltos terão de acontecer, ou a lei será descumprida [alusão à logística reversa da PNRS]. Ainda no tocante aos resíduos secos, a grande expectativa é que vejamos, em um curto espaço de tempo, indústrias receptoras de resíduos se instalando em diversas regiões para criar canais para o cumprimento da lei. Isso já está pegando velocidade e com certeza essa rede vai se espalhar de forma capilar por todo o país.

Os resíduos sólidos úmidos, por sua vez, são o grande nó neste momento, pois temos pouca experiência com sua gestão; vamos ter que avançar muito nessa questão. Há uma preocupação em trazer à tona alguns processos que já são bastante aplicados em países mais avançados, como a biodigestão, que respeitam o meio ambiente e os agentes sociais envolvidos no circuito desses resíduos. São processos tecnológicos, que não incineram os resíduos e nem excluem o catador. São tecnologias ambientalmente seguras que trazem o resultado que a economia como um todo precisa, e não apenas o beneficiário de um contrato particular com uma determinada prefeitura. Beneficia-se toda a sociedade.

Com relação aos resíduos secos, o urbanista mostrou um quadro comparativo entre cinco experiências expressivas: Londrina, Curitiba, Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo. Os dados são de 2006 e foram fornecidos pelo CEMPRE e do PNSB (Pesquisa Nacional de Resíduos Sólidos). Os sistemas de coleta seletiva de Porto Alegre e Curitiba existem há 20 anos, Belo Horizonte e São Paulo há mais de 12, e Londrina é o mais recente, há cerca de 10 anos. Ver na tabela os índices de 2006.

Cidade	População atendida	Total de resíduos reciclados	Custo de coleta seletiva por tonelada
Londrina	100%	22%	R\$ 37
Curitiba	100%	2.8%	R\$ 580
Belo Horizonte	80%	1.1%	R\$ 909
Porto Alegre	70%	7.5%	R\$ 131
São Paulo	30%	0.7%	R\$ 179

É interessante observar que são quatro cidades com processos mais antigos e uma com processo mais recente. Justamente a que possui o sistema mais recente pode ser considerado o caso de maior sucesso em termos de cobertura e relação custo benefício. Por quê? O diferencial está na presença do catador organizado e na vontade política, pois o governo municipal abraçou algo que inicialmente era apenas um desafio.

As dificuldades típicas para a implantação da coleta seletiva podem ser apontadas como:

1. Informalidade do processo - não enxergar o catador como agente de limpeza, como um prestador de serviço público que pode atender a cidade, considerando o saneamento do ambiente urbano;
2. A coleta seletiva ser encarada como questão filantrópica, não como instrumento de gestão. Existe uma confusão nesse sentido, pois a coleta seletiva muitas vezes é vista como um meio de fazer caridade e não como uma relação entre comprador de serviços e prestador deste serviço;
3. Carência de soluções de engenharia aliadas à visão social;
4. Alto custo do processo na fase de coleta. Há municípios usando soluções para transporte de resíduos, sem planejamento. Isso se reflete diretamente no alto custo da coleta.

Certa vez um secretário do município de São Paulo queria expandir a coleta seletiva, e para isso tinha em mãos três milhões de reais para campanhas de divulgação e conscientização. Ele alegou que, no entanto, não poderia colocar o projeto em prática porque naquele momento em São Paulo a coleta estava custando R\$ 1.100,00 por tonelada, enquanto a coleta normal custava R\$ 70,00. A coleta seletiva não poderia avançar devido ao alto custo logístico. Assim, podemos entender que o expressivo sucesso em Londrina se deve ao baixo custo na fase de coleta. E quem é o ator da coleta, quem é que propicia um custo significativamente mais baixo num processo estruturado? O catador. Esse mesmo ator é

admitido também em Porto Alegre. Nos outros municípios citados a presença de catadores é pouco incentivada ou inibida. Então temos um quadro de insustentabilidade técnica, de soluções inadequadas. Aí muitas vezes acontece o improviso, que não funciona em lugar nenhum, mas que não pode ser respondido com uma solução como essa (mostra uma foto: o caminhão limpo, bonito, colorido, que passa na frente da nossa casa pra pegar apenas dois saquinhos). É um absurdo. Ninguém consegue pagar essa conta. Essa é a conta dos R\$ 1.100,00 a tonelada, é a conta da informalidade do processo, que não constrói resultados. Há a necessidade de acertar entre esses dois extremos, o do improviso e do faz-de-conta, buscar soluções da engenharia, estudar fluxos. Carecemos de mais estudos de logística.

Assim, em linhas gerais, temos grandes desafios a serem encarados. Em um quadro de 184 mil toneladas/dia de resíduo urbano gerado, temos 65mil toneladas de RSU, 35% de material reciclável seco para cada tonelada de resíduo por dia. Estudos mostram que cada tonelada coletada envolve, em todo o processo de triagem, a mão de obra de aproximadamente 15 pessoas. Esse é um indicador seguro, que considera a coleta com caminhão e destinação ao catador. Se no Brasil são contabilizados 600 mil catadores e se todos eles estivessem organizados, teríamos catadores trabalhando com 40 mil toneladas; sobriam ainda 25 mil toneladas/dia para serem processadas. Isso significa que se a coleta seletiva for universalizada no Brasil, ela terá de ser exercida pelos catadores e também em outros formatos. A lei dá prioridade total à inclusão dos catadores, tem que começar por eles. Mas em algum momento teremos que trabalhar com soluções diversas. Assim, o desafio colocado é como o Movimento dos Catadores vai atuar com questões desse tipo?

Em Santo André a coleta é realizada sem a participação popular. O material é levado para galpões onde, mesmo após a triagem, 70% do material é considerado rejeito. Há todo o processo de trabalho, o desgaste e os custos com mão de obra e só conseguem salvar 30%, o que é muito injusto com quem está trabalhando com este resíduo e dele depende. Temos também de olhar para a questão de oferta significativa de emprego que está acontecendo no Brasil. Todo mundo viu cooperativas sendo esvaziadas, perdendo trabalhadores para empregos formais. Isso é um fato. Se as pessoas estão saindo é porque, por algum motivo, interpretam que há melhor oferta fora do que dentro, e isso deve ser motivo de atenção nossa. Que tipo de processo de trabalho nós estamos construindo? É um processo formal, seguro, que dá segurança para as pessoas apostarem suas vidas nisso?

A questão do transporte é, trirar, fundamental, para o sucesso do processo. Um estudo realizado pela nossa equipe no MMA, sobre sustentabilidade técnica e soluções de logística, buscou saber quanto custa coletar com equipamentos diversos: Caminhão mais catadores atuando porta a porta (processo mais caro); Carro menor (tipo Kombi) com gaiola, para ter mais espaço; Moto mais carreta; Carrinho elétrico (modelo defendido pelo MNCR)

concentrando carga para ser recolhida posteriormente pelo caminhão e Carrinho-armazém preparado para receber bag, concentrando bag fechada em algum ponto para o caminhão pegar (processo mais barato).

Os cinco processos têm basicamente a mesma velocidade de coleta, porém custos diferenciados, de R\$ 250/t a R\$ 28/t. A diferença é quase de 1 para 10.

Tarcísio defende que o trabalho tem que ser feito de forma qualificada, não amadora. Para se aproveitar esse momento virtuoso de implantação da coleta seletiva, essas questões devem estar sendo discutidas dentro do Movimento, para mostrar às prefeituras como é possível trabalhar com eficiência. O MMA tem trabalhado com essas questões, buscando criar um modelo tecnológico, um conjunto de orientações, de instalações que compõem um modelo para dotar as cidades de um sistema de manejo diferenciado de resíduos. Assim também é preciso pensar a gestão de resíduos, como um todo. Resíduos de construção, saúde, industriais, etc., podem ser gerenciados sob o princípio da coleta seletiva, que, na legislação, se aplica a qualquer tipo de resíduo.

Pensar essa modelagem acarreta a preocupação de como encaminhar soluções de forma rápida: como setorizar a cidade, como definir eco-pontos, como pontos de atração e concentração de resíduos em uma logística de baixo custo, até concentrar os resíduos e, a partir disso, serem recolhidos por um veículo maior na máxima eficiência possível. Defende um modelo que passa por: definir setores, ter pontos de concentração de resíduos, fluxo de catadores organizados coletando porta a porta e concentrando o resíduo para que depois aconteça o transporte para galpões de triagem com um veículo maior. Isso requer um diálogo entre movimento organizado e gestor público, para que seja formalizado e vire um contrato de prestação de serviço. Aponta para a necessidade urgente de planejamento do sistema. Vários municípios já passam por processos de setorização, como São José de Rio Preto, e de definição de ações segundo essa logística. Em cada um desses setores deve haver um grupo de catadores prestando esse serviço público. É um caminho em que se terá que ousar, terá que ir a busca de parcerias dentro da gestão pública. Um exemplo é o município de Diadema, que em 2001 começou a discutir a necessidade de que a gestão municipal fizesse o reconhecimento dos catadores como prestadores de serviços. Inicialmente não se tinha nenhum documento legal que justificasse isso, até que conseguiram um caminho via OSCIP's, o que hoje já não é mais possível e, assim, conseguiram a conjunção entre vontade política de um lado, e pressão de um movimento organizado de outro. Em 2007 a Lei de Saneamento Ambiental define, em seu Artigo 57, que em qualquer município brasileiro a contratação de cooperativas ou associações para a prestação de serviços não necessita de licitação pública. Esse enorme avanço é fruto da luta, de um processo de ousar e de se aventurar. Em Diadema se ousou em 2001, e ainda há espaço para a ousadia, há que se levantar bandeiras e apontar

soluções, criar modelos que mais tarde possam virar política pública. O modelo sugerido pelo MMA está mostrando a necessidade de setorizar, planejar, trazer dados do censo do IBGE para fazer todo o planejamento, entendendo o volume de resíduos gerados. É importante buscar apoio, parcerias, por exemplo, trazendo os agentes comunitários de saúde, que atuam nessas áreas. Sugere fazer pontes entre possíveis instituições parceiras – igrejas, escolas, unidades de saúde, templos, associações de moradores –, para que se transformem em locais de recebimento de materiais recicláveis, diminuindo os custos de coleta para que o processo possa ser universalizado. Barateando o processo cria-se um diferencial que permite discutir a remuneração do trabalho do catador. E, logicamente, é preciso que haja projetos adequados de galpões para que se tenha o resultado do trabalho dos grupos contratados, projetos que incorporem todas as necessidades de realização do trabalho com segurança, que se chegue cada vez mais a galpões com esse nível de qualidade. Isso é aonde a gente pode e deve chegar, todavia, depende essencialmente do avanço do Movimento para se transformar em um interlocutor forte desse processo.

Uma provocação final: o espaço para a coleta seletiva se abriu enormemente; quem vai ocupar esse espaço? Exclusivamente as empresas que estão ofertando suas soluções de queimar material em todos os municípios ou o Movimento vai se qualificar cada vez mais na linha de grupos autogestionáveis, trabalhando a Economia Solidária com firmeza, e se impor como ator que tem um espaço ocupável, garantindo processos de qualidade como esse?

Debate, conduzido pela professora Nídia Nacib Pontuschka.

Ana Maria Marins, do PSWM: Esse modelo dos pontos de coleta tem o lado da eficiência porque facilita que os municípios levem os resíduos e permite que os catadores não circulem muito carregando peso. Porém uma queixa que os catadores de uma experiência desse tipo que eu conheci faziam era de que os pontos eram lugares vulneráveis. Se não fosse feito o transporte diário o local era saqueado. Nas experiências trazidas pelo Tarcísio, como eles superaram a questão da falta de segurança nos pontos de coleta?

Armando, da CooperCata, perguntou ao Tarcísio como poderemos resolver a questão dos resíduos sólidos e da coleta seletiva se não podemos contar com vontade política para isso. Também falou que só acontecerá uma mudança se investirmos em educação popular e melhoria das condições de vida da população, pois muitos catadores sofrem sem moradia, vivem em áreas de risco etc.

Marcus Azevedo Durante, da Associação Pacto Ambiental, disse que a questão da coleta seletiva faz parte de um aspecto cultural. É necessário trabalhar esse tema nas escolas, multiplicar as informações, a coleta seletiva precisa estar no currículo escolar. Temos de ter uma cultura de respeito ao planeta Terra. Sugestão que os carrinhos e caminhões de

coleta têm que ser mais chamativos, mais atrativos para a população, com alguma gravação em alto-falante explicando a importância da coleta seletiva, melhorar a comunicação com a comunidade.

Tarcísio respondeu lembrando que estamos vivendo um momento propício para discutir essas questões, e um dos motivos é por termos um governo federal sensível ao tema, que não está negando apoio, inclusive, estratégico, propondo um modelo tecnológico aos municípios. A União está prestes a lançar um programa nacional de coleta seletiva para os municípios que juntos representam 80% da população brasileira. Neste programa está escrito que cada um deles deverá setorizar a coleta seletiva, definir a rede de instalações, transporte e suporte de resíduos. Já está embutida nesse convite aos municípios a base favorável que vai permitir a instalação de grupos organizados de catadores para fazer o fluxo do material aos centros de triagem. Nesse momento está acontecendo uma oferta de soluções que contemplam espaço para avanço de grupos de catadores organizados. A provocação de Tarcísio: se nesse momento o Movimento dos Catadores não se organizar para difundir informações, para que as experiências de sucesso se repliquem, não haverá avanço significativo algum. O Armando colocou a questão sobre Londrina, que é uma cidade de apenas 500 mil habitantes. Os outros municípios apresentados são grandes capitais; São Paulo é a terceira maior cidade do mundo. Em Porto Alegre cabem três Londrinas, em Belo Horizonte cabem cinco. O que falta é vontade política. No caso de São Paulo, resolvendo o problema antigo da cooperativa da Granja Julieta já daria “uma Londrina”. Mas não conseguem resolver nem esse pequeno problema, imaginem as 20 Londrinas que caberiam em São Paulo. Vontade política, em uma discussão nesses termos, começaria por resolver a questão da Granja Julieta, depois uma Londrina, a segunda, e daí em diante. A vontade política vai ter que aparecer e o Movimento, se quiser ser protagonista nisso, vai ter que se estruturar para assumir a direção desse programa.

Sobre a questão da segurança nos eco-pontos, alguns municípios colocam gente dentro desses locais, que apóiam os grupos de catadores, recebem escolas para visitação, aceitam resíduos de construção e de logística reversa e depois organizam fluxos diversos e fazem uma gestão de todo o conjunto de resíduos que tem que receber coleta seletiva. Tem visto municípios em que ficam pessoas por 24 horas por dia nos eco-pontos. Mas há município que fecha às 16 horas e manda o funcionário embora; quem chega depois desse horário não consegue descartar o material. Alguns abrem aos fins de semana, outros não. Nilópolis, município da Baixada Fluminense, está chamando cada eco-ponto de subprefeitura, transformando cada ponto de entrega em um balcão de reclamação dos municípios, de diálogo e de reivindicação.

Workshop (15/12/2011)

Pensando novas formas de trabalhar a coleta seletiva inclusiva: perspectivas de futuro e de colaboração para o trabalho em rede

As atividades do dia 15 de dezembro/2011 iniciaram com uma rodada de apresentação de todos os presentes no workshop “Perspectivas de futuro e de colaboração para o trabalho em rede”. Cada participante teve a oportunidade de apresentar seu trabalho relacionado à coleta seletiva, o que serviu de base para a criação de um “banco de experiências”, exposto mais adiante.



Coordenado pela professora Jutta Gutberlet, o workshop se dividiu em duas etapas: em grupos, uma discussão que apontasse as principais barreiras para a formatação de um trabalho em rede e as possíveis propostas para o desenvolvimento deste trabalho; por fim, a socialização dos pontos levantados pelos diferentes grupos em uma assembleia.

O objetivo principal do workshop era realizar a troca de experiências entre os participantes, visando à construção de um eixo comum para a articulação de um futuro trabalho em rede. Da rodada de apresentações surgiram alguns pontos comuns – conceituais e práticos – entre as diferentes experiências.

Pontos em comum:

- Conceito da suficiência como felicidade: ter o suficiente para viver e ser feliz, como combate ao atual modelo cultural e econômico de crescimento, baseado em consumismo e desperdício. Buscar felicidade para todos os seres, com equilíbrio ambiental e justiça social. Sustentabilidade como qualidade de vida para todos. Propõem uma mudança de cultura.
- Construção de capital social. Investir nas pessoas, acreditar nas pessoas. Empoderar os catadores.
- Trabalhar pela construção de políticas públicas – Leis que precisam ser levadas para outras partes do mundo (Ex. Políticas de inclusão dos catadores na coleta seletiva).

- Educação popular e uso de metodologias qualitativas. Educação usada como prevenção, sensibilização, criando uma hierarquia entre os “3 Rs” – primeiro REDUZIR, depois REUTILIZAR e, por último, RECICLAR.
- Agregar valor ao material. Buscar tecnologias para fazer o beneficiamento do material dentro das cooperativas, bem como promover a recuperação de peças, como móveis, madeira, entre outros, e/ou trabalhar com artesanato nas cooperativas.
- Promover ações de saúde e segurança dos trabalhadores da reciclagem.
- Formalização dos catadores.

A partir de uma base conceitual comum a todos, foi possível, nos grupos, conhecer melhor as realidades dos diferentes projetos e apontar as dificuldades enfrentadas em cada contexto, que, em alguns casos, são problemas universais colocados para a implantação de um trabalho de coleta seletiva inclusiva.

Identificando as barreiras

Quais são as dificuldades para a formação de um trabalho de coleta seletiva inclusiva em rede?

1. Troca de informações – Uma das barreiras apontadas pelos dois grupos é a dificuldade de acesso das cooperativas de catadores às tecnologias da informação. A maioria dos catadores não tem acesso à internet ou não possuem afinidade com as ferramentas de informática. É preciso promover ações de inclusão digital dos catadores e equipar as cooperativas com computadores ligados à internet. Além disso, para um trabalho em rede, é fundamental que haja troca de informações entre todos os participantes, para que se conheçam as diferentes realidades (nacionais e de outros países envolvidos). É preciso ter sintonia, conhecer as particularidades de cada país, quais são os pontos comuns e os diferentes de cada realidade. Como se pensa em uma rede internacional, uma das barreiras colocadas é a questão da língua, pois as informações terão de ser difundidas em, pelo menos, três diferentes idiomas: português, inglês e espanhol.

2. Informalidade – Afeta diretamente a vida dos catadores. Será difícil formar uma rede com catadores que não tenham uma base, uma estrutura, que trabalhem como avulsos, fora de uma organização. No entanto, existem muitas barreiras burocráticas para a formalização, pois, embora ela seja prevista em lei, na prática, o próprio poder público cria mecanismos que atrapalham a formalização, como exigências em termos de documentação, com custos altos para a realidade

das cooperativas. A proposta é que a rede possa pensar e propor alternativas a esse problema, para que mais grupos possam sair da informalidade e precariedade.

3. Baixa escolaridade dos catadores – Pode ser uma barreira e interfere também na capacidade de articulação dos grupos e na troca de informações e acesso às tecnologias. Buscar soluções para a formação escolar, promover melhoria no letramento dos catadores.

4. Financiamento – Sem financiamento nada pode acontecer. Será necessário que cada país trabalhe na captação de recursos, que busque seu próprio financiamento.

5. Problemas de logística – São comuns a todos os casos. Será necessário detectar esses problemas e ter alguém que desenvolva soluções que sejam de uso comum, criando um banco de tecnologias que fique à disposição de todos.

6. Ganho financeiro das cooperativas – a melhoria da renda dos catadores se coloca como um grande desafio. As indústrias de reciclagem chegam a ganhar até 300% em cima do trabalho do catador. É preciso chamar as indústrias de reciclagem para a discussão, propor uma diminuição na margem de lucro nas empresas. Há casos em que a indústria não compra o papel e o papelão entre setembro e fevereiro, por conta da grande oferta de material e porque as fábricas fecham. A COOPCENT tira mais de 100 toneladas e eles não chegam a pegar 10. O preço vai caindo e a indústria fala que não pode fazer nada. Também tem que se pensar em formas de eliminar os intermediários para que se venda diretamente à indústria, aumentando a margem de lucro das cooperativas.

Principais propostas:

A base conceitual de toda a discussão de um novo projeto deverá ser a autogestão e a economia social e ecológica. Mostrar que os catadores não estão sozinhos, eles são parte de um projeto de uma sociedade diferente, mais justa e verde. A atuação do catador é muito mais ampla, é de educar, disseminar as informações. Para isso, o grupo apontou as seguintes propostas:

1. Comunicação em rede – Criar um setor específico para fazer uma comunicação eficiente, ágil. Buscar formas de superar diferenças de línguas. Fazer uma comunicação de qualidade para o trabalho em rede; atualizar constantemente as informações, alimentar o site/blog com textos, vídeos, fotos etc. Criação de um site. Formação dos catadores para acessar a internet, fomentar a inclusão digital;

2. Comunicação com a comunidade – Além da comunicação interna, entre os participantes da rede, será muito importante dialogar com a sociedade, ter a sociedade como aliada dos

catadores. Haverá uma pressão da sociedade quando os preços dos produtos começarem a subir por causa da logística reversa, o consumidor vai pagar mais por isso. O projeto deverá ser responsável por difundir informações sobre coleta seletiva e sustentabilidade, para ajudar a criar uma cultura verde. Ter no horizonte a realização de um trabalho preventivo, de consumo responsável, justo, com a hierarquização dos 3 Rs. Abordar, nos projetos, a diminuição da geração de resíduos, com campanhas de conscientização. Mostrar que um mundo menos violento, mais agradável, depende da melhor distribuição dos recursos na sociedade.

3. Conhecer diferentes experiências e pensar formas de avançar dentro da cadeia produtiva. Incrementar a classificação dos resíduos dentro das cooperativas com formação. Conhecer também quanto vale cada material em cada país participante, criando uma espécie de “bolsa de valores”, uma tabela de preço. Estudar alternativas de comercialização para cada país.

4. Políticas de economia solidária e comercialização em rede. Discutir e questionar a cultura e economia capitalistas. Construir caminhos alternativos para a economia, visando a qualidade de vida e o bem estar da população. Para isso, fazer a vinculação entre a educação e a economia social, apoiar as economias locais, pensar em estratégias solidárias para cada etapa do processo.

5. Estudar as etapas de produção, o custo de cada etapa: coleta, triagem, venda. Buscar apoio em projetos de universidades que possam ajudar a fazer este estudo de logística.

6. Small is beautiful – Valorizar tecnologias de pequeno porte, apropriadas. Pensar em tecnologias acessíveis e criar equipamentos de fácil acesso para que os grupos possam se equipar melhor. Tentar vincular a universidade em projetos que desenvolvam maquinários e tecnologias voltadas ao social, às demandas dos catadores. Construção de um “banco de tecnologias apropriadas”.

7. Tecnologia de transporte na coleta – Também deverá ser uma prioridade melhorar a logística da coleta, levando em conta as dificuldades de território (geografia do espaço) de cada contexto;

8. Lutar para que a legislação nos países garanta a participação e inclusão dos catadores na coleta seletiva. A inclusão do catador nas leis de resíduos tem que ir além da questão monetária.

9. Pensar em locais e processos adequados para a triagem.

10. Lutar pela remuneração dos catadores pelos serviços ambientais prestados.

11. Desenvolver e adotar metodologias participativas.

12. Buscar apoio do Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário – sancionado em novembro de 2010. Vincular o projeto à SENAES – Secretaria Nacional de Apoio a Economia Solidária.

13. Estabelecer relação de parceria com a Rede Latino-americana e as instituições que já apoiam o fortalecimento dessas redes (Avina, France Libertès, etc). Contatar outras organizações que atuam com catadores.

14. Promover encontros de catadores dos diferentes lugares para trocar a ideia de fortalecimento local em rede.

15. Promover eventos para discutir como a universidade poderia apoiar, com discussão prévia com movimentos dos catadores para dizer em que a universidade poderia ajudar. Como, por exemplo, a identificação e a sistematização dos processos, por parte dos catadores e das universidades, que já existem; Intercâmbios de pesquisa sobre coleta seletiva e interação com catadores. Há ações dentro das universidades que não conversam entre si. Tentar incluir os catadores nas universidades. Apoiar iniciativas de formação universitária de catadores, com bolsas de estudo.

16. Articulação com os movimentos nacionais, como no Peru, Colômbia, Chile, Brasil, países em que já existe movimento de catadores.

17. Pensar formas de inclusão dos catadores vindos dos lixões;

18. Agilidade na sistematização dos documentos;

19. Troca de experiências entre catadores, catadores e apoiadores (técnicos). Valorizar o conhecimento técnico dos catadores e utilizar esse potencial em processos de formação; exportar esse conhecimento para os outros países.

20. Agregar valor ao material fazendo beneficiamento e artesanato, partindo dos saberes dos próprios catadores que já possuem essa bagagem. Aproveitar o potencial criativo dos catadores. Diminuir o estigma e o preconceito em relação aos catadores. Pedir que o poder público se responsabilize pela organização desse tipo de programa.

21. Trabalhar as questões de gênero, valorizar as mulheres. Discutir essa questão dentro do projeto, as funções nas cooperativas etc. Buscar outros programas que já fazem isso, estabelecer parcerias.

22. Construir ações diferenciadas em função das questões climáticas (problema macro) – crédito de carbono, energias renováveis experiências já desenvolvidas.

23. Desenvolver novas lideranças. Fortalecer a participação das lideranças e trabalhar na melhoria da relação entre cooperados e lideranças.

24. Divulgação dos resultados do projeto como estratégia de conseguir apoio e parcerias. Utilizar a sustentabilidade global com argumento na busca de apoio aos projetos.

25. Fortalecer os catadores para que participem da construção de políticas públicas.

26. Buscar empresas financiadoras, fazer programas de televisão sobre reciclagem e vender os anúncios. Outra ideia é conquistar artistas famosos para que gravem gingles de músicas sobre coleta seletiva e o trabalho dos catadores e reverter a renda da reprodução dessas músicas para o projeto. Tentar financiamento com a OMS e a UNASUR – União de Países do Sul (é como o MERCOSUL, mas mais amplo); Fundação Bill Gattes e outras.

27. Sugestão de trabalhar com um software chamado EVO, que é um programa para fazer conferências on line.

28. Definir onde será o próximo evento, de preferência que seja em um local onde as pessoas tenham menos condições de viajar.

29. Trabalhar de forma bem organizada.

BANCO DE REFERÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Representante(s)	Instituição	Experiência
<p>Sebastian Careno sebastian.carenzo@gmail.com</p> <p>&</p> <p>Santiago Sorroche sorroche.santiago@gmail.com</p>	<p>Facultad de Filosofia y Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA)</p>	<p>Apoiam a Cooperativa de Provisión de Servicios “Reciclando Sueños”, da Provincia de La Matanza, na Grande Buenos Aires.</p>
<p>Carlos Levinton clevinton@fibertel.com.ar</p>	<p>Centro Experimental de la Producción (CEP) - Universidade de Buenos Aires (UBA)</p>	<p>Centro Experimental de Produção - funciona como uma incubadora de microempreendimentos populares; trabalham com um banco de tecnologias para transformar os materiais, fazer a reciclagem e criar produtos úteis socialmente para serem aplicados na melhoria dos espaços urbanos; organizam ecolaboratórios em escolas públicas.</p>
<p>Ahmed Amine Chahed ahmed.a.chahed@tu-berlin.de</p>	<p>Centro de Tecnologia da Universidade de Berlim, Alemanha (KUBUS)</p>	<p>Projeto de agricultura urbana com mulheres, desenvolvido na cidade de Casablanca, no Marrocos; reciclagem de madeira e lixo eletrônico, ambos projetos desenvolvidos em Berlim.</p>
<p>Tarcísio Valério Costa tarcisiovalerio.costa@bol.com.br</p>	<p>Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)</p>	<p>Projeto desde 2009 de apoio à implantação da coleta seletiva em diversos municípios da PB. Trabalham com formalização de catadores, formação, capacitação e educação ambiental, sensibilização da comunidade, trabalho com escolas públicas.</p>
<p>Lizardo Visitación Figueroa lvisitacion@lamolina.edu.pe</p>	<p>Centro de Química da Universidad Nacional Agraria de La Molina, Lima, Peru (UNALM)</p>	<p>Trabalha há cinco anos no apoio técnico às cooperativas de catadores.</p>
<p>Cipriano Luna</p>	<p>Asociación de Recicladores “Hijos del Gran Chuquimanco”, Cañete, Peru</p>	<p>É o presidente da cooperativa, que existe há quatro anos. Utilizam triciclos para a coleta e recebem apoio de uma ONG.</p>
<p>Fábio Fonseca Figueiredo ffabiof@yahoo.com</p>	<p>Departamento de Políticas Públicas/Observatório das Metrôpoles - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)</p>	<p>Desenvolve há um ano um projeto de modelo de gestão e prevenção de RS, com base nos 3 Rs.</p>
<p>Jutta Gutberlet jutttag@uvic.ca</p>	<p>Departamento de Geografia (Community-based Research Laboratory) - University of</p>	<p>Desenvolve há 6 anos o projeto de gestão participativa e sustentável de resíduos sólidos (PSWM) na região metropolitana de São Paulo e em</p>

	Victoria, Canadá	Victoria, Canadá; como uma projeto inter-universitári com a Universidade de São Paulo.
Nídia Nacib Pontuschka nidia@usp.br	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	É do Comitê Executivo do PSWM
Angela Martins Baeder baedpint@yahoo.com.br	Centro Universitário Fundação Santo André – Colegiado de Biologia e Química e Educação Ambiental e Sustentabilidade da Pós graduação.	É do Comitê Executivo do PSWM, participa de seu desenvolvimento e realiza pesquisas e ações com alunos, com cooperativas e população, visando a melhoria e a ampliação da participação na coleta seletiva por catadores.
Maria Ruth Freitas Takahashi ruthftaka@yahoo.com.br	Projeto PSWM e Projeto Rede ABC	É do Comitê Executivo do PSWM; dá assessoria à COOPCENT-ABC e participa da Rede Mulher de Educação.
Ana Maria Mateus Marins anammarins@hotmail.com	Projeto PSWM	É do Comitê Executivo do PSWM.
Fábio Cardozo flcardozo@yahoo.com.br	Projeto PSWM e Projeto Rede ABC	É do Comitê Executivo do PSWM.
Solange Dias de Araújo soleca_bio@yahoo.com.br	Projeto PSWM	É do Comitê Executivo do PSWM.
Sarah Bryce	Associação Alma Ambiental	Projeto com jovens.
Cristiano Gomes e Ivanildo Vieira Silva	Associação Refazendo – São Bernardo do Campo, SP	Catadores da Associação Refazendo.
Vanda Bacelar Reis	Cooperativa COOPERPAC, São Paulo, SP	Participa do Conselho Gestor do PSWM.
Aparecida Margarete de Souza	Associação Raio de Luz, São Bernardo do Campo, SP	Participa do Conselho Gestor do PSWM.
Selma Maria	Grupo Nova Esperança - São Miguel Paulista, São Paulo, SP.	Representante do Comitê Leste do MNCR.
Joana Darc P. Costa	Cooperativa COOPERPIRES, Ribeirão Pires, SP	Secretária da COOPCENT-ABC, Presidente da Cooperpires e participa do Conselho Gestor do PSWM.
Maria da Penha Ap. C. Guimarães	Coopcent ABC - Mauá, SP	COOPCENT-ABC e participa do Conselho Gestor do PSWM.
Antonio Sérgio	Coopcent ABC - Diadema, SP	Foi catador em Diadema e hoje é motorista da Rede ABC Gerando Renda.
Maria Mônica da Silva	Associação Pacto Ambiental, Coopcent ABC e MNCR	É catadora da Associação Pacto Ambiental / Grupo Vila Popular. Trabalha na articulação estadual do MNCR, na COOPCENT-ABC e participa do Conselho Gestor do PSWM.

Marcus Azevedo Durante	Associação Pacto Ambiental, Diadema	Coordena o Grupo Nova Conquista e participa do Conselho Gestor do PSWM.
Vilma Moura	Associação Pacto Ambiental, Diadema	Coordena o Grupo Vila Popular e participa do Conselho Gestor do PSWM.
Denise Rocha da Silva	Cooperativa COOPERCATA, Mauá, SP	Participa do Conselho Gestor do PSWM.
Armando Octaviano Júnior	COOPERCATA, Mauá, SP	Participa do Conselho Gestor do PSWM.
Luzia Maria Honorato	Cooperativa COOPERCOSA, São Paulo, SP e MNCR	Foi uma das fundadoras do MNCR e participa do conselho gestor do PSWM.
Sônia Felipone	Centro de Referência em Saúde do Trabalhador e COVISA	Atua em pesquisas sobre saúde e segurança no trabalho; fez essa pesquisa em cooperativas ligadas ao PSWM.
Vanuza de Araújo Ramos	Faculdade de Educação da USP	Auxiliar de pesquisa do PSWM.
Edna Astolfi	Instituto de Geociências da USP	Auxiliar de pesquisa do PSWM.

Anexos

Convite para o seminário

Seminário Internacional de Coleta Seletiva Encerramento do Projeto Coleta Seletiva Brasil-Canadá e Construção de Perspectivas de inclusão e sustentabilidade

O objetivo deste evento é apresentar os resultados obtidos ao longo destes anos e analisar as perspectivas da coleta seletiva com inclusão de catadores, tendo em vista a sustentabilidade socioambiental e o quadro internacional da gestão de resíduos.

Dia 14/12/2011

Local: Consórcio Intermunicipal Grande ABC

Endereço: Avenida Ramiro Colleoni, 05, Centro, Santo André

Horário: 08h30 às 17h00

Programa:

08h30 - Recepção aos participantes

09h00 - Mesa de abertura

10h30 - Apresentação dos resultados de seis anos de atuação do Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos - PSWM (Coleta Seletiva Brasil-Canadá)

PSWM

12h00 - Intervalo para Almoço

13h30 - Palestras

- Nabil Bonduki – Secretário Nacional de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente - MMA
- Tarcísio de Paula Pinto – Arquiteto Urbanista, Assessor do Ministério do Meio Ambiente - MMA
- Norah Padilha Herrera – Catadora - Cooperativa de Catadores da Colômbia (a confirmar)

Inscrições Limitadas: projetoBrasilcanada@gmail.com

Realização:



FEUSP



Apoio:



Agence canadienne de
développement international

Canadian International
Development Agency

Parceria:



**Cordel: De São Paulo ao Canadá,
o catador do Brasil**

Luzia Maria Honorato, Catadora Brasileira

São Paulo berço de todos

Do Sul até o Pará

É terra de tantos povos

Também é do Canadá

Nosso Estado é complicado

Por tanta diversidade

Vamos rever os conceitos

Pra falar de Reciclagem

É fato e bem verdade

Que contém grandes valores

O que chamamos de lixo,

É separar qualidade

Transformo em reciclagem

É sustentabilidade

E embalagens renováveis

A embalagem de renome

Também é desperdiçada

No afã de seu domínio

O homem destrói todinho

Comprometendo a terra

Com todo seu desalinho

Sem poder aproveitá-la

O homem com seu consumo

Fabricou em descompassado

O Catador com amor,

Deu um jeito com carinho

Renovou seu processar

Na sobra do reusar

Que ficou no seu caminho

O Projeto que criamos

Nos anos 2005

Denominado Projeto

Que veio pra inovar

Foi feito para mudar

Do ABC, Santo André

De São Paulo ao Canadá

Jutta aqui batalhando

Pra puder reformular

Tantos fatos do concreto
Que nem pude averiguar
Se veio pra transformar
Tudo o que aqui está
Brigou tanto por direito

Impedindo Incinerar
Mulher Guerreira
E de garra
Com talento e ambição
Construindo um mundo novo
Com muita satisfação
Porém seu forte está
Nos conceitos a revisar
Dizendo a todos nós
Que a energia Solar
É a única excelência
Para o mundo melhorar

Jutta defende o justo
Pro planeta equilibrar
E se juntando a “nóis”
Botamos pra rebentar
São Bernardo que se cuide

Pois não vamos recuar
Com o incinerador
A coisa não vai prestar

Virgílio chegou agora
E veio para ajudar
Advogado porreta,
não pode se alterar
Contando histórias das coisas

Do consumo cidadão
Pro povo que ali está
Se não tomarmos cuidado
Vamos se desenfrear
Com certeza falta pouco
E apoio não vai falta

Começamos construindo
Formação pra quatrocentos
Caso não pudesse assim
Cairíamos pra duzentos
E se fosse aperreado
Pra nossa satisfação
Daríamos por encerrado

Quem nasceu pra reciclar
Em sua terra natal
Se apropria de um saber
Passando a dominar
A coisa foi tão bonita
Que só vendo pra falar

Estamos cá em mudança
Para poder explicar

Que esse tal de Projeto
Veio para arrematar
Os costumes de um povo

Que não sabe reciclar
Que precisa com urgência
Educação Ambiental
Pra poder se renovar

Nosso projeto tomou
Caminhos de arrastão
Ele foi se enveredando
Da Capital ao Sertão
Fomos crescendo em leitura

Se infiltrando na cultura
Do saber, querer, poder
Ao diploma de aprender

Eu fui para o Canadá
Na busca do entender
Vivendo a diferença
Da cultura e do Lazer
Conhecendo as pessoas
Falamos do preconceito
Da história e do Viver
Do saber e do crescer
O povo que lá está
Também pôde apreciar
Pois nós tomamos cuidado
De filmar e fotografar

De Fabio, Ruth e Cida
Com Elma, Vilma, Francisca
Ângela, Zilda e Zilé
Aprendemos a reciclar
E a nos comunicar
A Coordenação de Campo
Também pôde apreciar

Os caminhos que tomava

O Movimento Nacional

Buscando no crescimento

Se profissionalizar

O catador da cidade

Dos campos e do sertão

Estão muito satisfeitos

Com as “negociação”

Pois todos podem acessar

Por esse Brasil afora

Os recursos conquistados

Por todos da Nacional.

Todo o fortalecimento

Pudemos apreciar

Ver nascer e ver crescer

Os que por aqui passar

Desde Caxias do Sul,

São Leopoldo, Poá,

A Mônica foi pra Londres

Luzia pro Canadá

Eduardo foi pro México

Acre, Rondônia e por lá

Se encontrou com Tião

Que ia para o Japão

Matilde pra Argentina

Ensinar a reciclar

E só para melhorar

Mônica, Joana e Dorinha

Armando lá de Mauá

Luzia do Ceará

Eduardo e Roberto

Nídia, Lilian e Vanuza

Edna, Ana e Solange

Chegaram para ficar

E o Planeta reciclar

Iná que chegou agora

E também ficou eufórica

Uma grande companheira

Por esse Brasil afora

Nos fez contribuição

Pra festa de encerração

O Cláudio da Refazendo
Somente pra variar

A Mônica foi pra Londres
Luzia pro Canadá
Eduardo foi pro México
Acre, Rondônia e por lá
Se encontrou com Tião
Que ia para o Japão
Matilde pra Argentina
Ensinar a reciclar

E só para melhorar
Mônica, Joana e Dorinha
Armando lá de Mauá
Luzia do Ceará
Eduardo e Roberto
Nídia, Lilian e Vanuza
Edna, Ana e Solange

Chegaram para ficar
E o Planeta reciclar
Iná que chegou agora
E também ficou eufórica

Uma grande companheira
Por esse Brasil afora
Nos fez contribuição
Pra festa de encerração
O Cláudio da Refazendo
Somente pra variar
Nunca pode apreciar
O projeto Canadá
A cada vez que chegava
Já estava pra acabar

No início do projeto
Tereza estava lá
Devido a falta de tempo
Não pode participar
Mas é nossa convidada
E veio comemorar

A Selma meio ansiosa
Não podendo esperar
Pra ser bem vista no grupo
Mostra como caminhar
Com todo carisma e sendo
Modelo pra rebentar

Dizendo até como pode
Viver Brasil Canadá

Rosinha com rebeldia
Sem querer participar
Se escondendo o tempo todo
Pra Tereza num enxergar
Toda sua timidez
Para integralizar

Guiomar com sua presteza
E toda dedicação
Sempre esteve presente
Em toda reunião

Margarete a bixinha
Não queria nos contar
Que morar no Alvarenga
Era risco pra danar

Até que Francisca veio
Dizendo que o Prefeito
Iria incinerar
E em São Bernardo do Campo

A coisa não vai prestar

Comprometida com escrita
Do cordel a terminar
Nanci pode junto a todos
Em tudo colaborar
Desde os versos
Compostos
Por nois lá em BH

Luciana e Dona Ivete
Não queriam opinar
Porque estavam no Evento

Onde podemos apreciar
Os anos de festival
De Minas a projetar
Para todo o Brasil
Unido ao Canadá
Como pode Reciclar

Da mesma forma também
A Claudia e Aidemar

Junto com nós lá em Minas
Começamos a pensar
Que ninguém criou projeto
Que pudesse competir
Com o Brasil Canadá
O Budd enciumado
Veio lá do Canadá
Quase que não vai embora
Moradia quis firmar
O Brasil é cativante
Quem vem não quer mais voltar
Com tanto acontecimento
Queria aqui ficar

Clécio, Bruno e Crystal
Neil, Chana e Jeová
Todos foram envolvidos
Pra desburocratizar
Pelo Brasil-Canadá
Vindos de um mundo distante
Para “com nós” se juntar

O Clécio com muito gosto
Veio aqui nos ensinar

Pois tudo que precisava
Ele pode avaliar
O “B E A B Á” da informática

Completo nosso falar
Com Bruno também na raça
Buscando classificar
As fotos que cá tiramos
Pra profissionalizar.

Canadá liberou tudo
Pro final com seu talento
Sustentou a coisa certa
Ajudou com grande amor
Com USP de lá pra cá
Desembestada a falar
Para o sistema Solar
O Planeta ficou besta
Pois USP não quis parar
Dizendo que a causa é justa
E não dá pra encerrar

Já está até pensando

Um modo a continuar

Esse projeto que envolve

Até Belém do Pará

Encerramos nossa parte

Construímos nossa ação

Participamos de tudo

Com grande satisfação

Agradecemos Governo,

Catador e Cidadão

Agora fica saudade

Da luta que encabeçamos

Com tanta desigualdade

E muita capacidade

Vimos para provar

Que o caminho é reciclar

Reciclar e reciclar

Não podemos encerrar

O brilho que pode dar

O catador do Brasil

Casado com Canadá.

O Cordel compartilhado

Que veio para ficar

A Cida organizou

Quase todo o bê-á-bá

Luzia cuidou da rima

Para ninguém se queixar

E garantindo que todos

Estão a participar.



